

Adelocéfalídeos do Estado de Mato Grosso, capturados pela expedição do Instituto Oswaldo Cruz *

por

Lauro Travassos

(Com 8 estampas)

O material de *Adelocéphalidae* obtido na excursão ao Estado de Mato Grosso, em Outubro de 1938 e em Julho de 1939, não obstante a pouca duração das mesmas e a impropriedade das épocas, foi bastante interessante, permitindo um melhor conhecimento de várias espécies e a verificação da área geográfica de várias outras. Na excursão realizada em Julho de 1939 somente três exemplares foram obtidos.

Este grupo de insetos é mal estudado, pois com êle se tem ocupado geralmente entomologistas que não empregam uma técnica moderna, desprezando ou fazendo de maneira imperfeita o estudo da genitalia.

Estudos baseados somente nos desenhos e coloração das azas do imago se prestam a confusões lamentáveis.

A nomenclatura deste grupo de lepidópteros encerra problemas complexos, motivados pelo descaso de muitos autores, na observação das regras internacionais de nomenclatura. Sobre êste aspecto não nos deteremos no presente trabalho, pois está êle sendo abordado exhaustivamente pelo DR. JOSÉ OITICICA FILHO, nosso companheiro de estudos de entomologia.

O estudo comparativo cuidadoso dos caracteres plásticos destes insetos conduz a um maior desdobramento genérico, o que aliás está de acôrdo com o pouco que se conhece das características da larva.

Nas duas excursões foram capturados 229 exemplares deste grupo de insetos, distribuídos em 21 espécies, de acordo com a lista adiante.

Faremos de algumas destas espécies estudo detalhado; com as restantes nos ocuparemos oportunamente.

* Recebido para publicação a 25 de junho de 1939 e dado à publicidade em abril de 1941.

Adelocephalidae BURMEISTER, 1878**Adelocephalinae** OITICICA FILHO, 1940**Adelocephala odeva** DRUCE, 1904

Desta espécie foi capturado somente um exemplar masculino, bastante danificado, em Salobra. O estudo da genitalia, comparativamente ao de *A. cadmus*, tipo do gênero e muito semelhante a ela, revelou diferenças apreciáveis no uncus, no falosoma e na chanfradura existente no 8º esternito.

Adelocephala amena n. sp.

(Est. 1, figs. 1-4; est. 2, figs. 1-7; est. 7, figs. 1; est. 8, fig. 2)

Desta espécie capturamos apenas 3 exemplares masculinos. Afasta-se, por vários caracteres, do gênero *Adelocephala*, mas pela estrutura da genitalia se aproxima bastante, razão pela qual a incluímos nêle.

Dimensões — Aza anterior: 30 por 13 mm.; relação entre o comprimento e a largura: 2,30. Aza posterior: 18 por 13 mm.; relação entre o comprimento e a largura: 1,38.

Macho — Cabeça unida ao corpo e com fronte triangular côm de camurça (134 do código de Seguy). Vértice piloso e de côm amarela (246 do código). Tromba rudimentar. Palpos rudimentares e ocultos sob os pêlos. Antenas côm de couro, com cerca de 41 segmentos, sendo os dois basais grossos e redondos; o 3.º é constituído pela fusão de dois e apresenta 4 apófises de tamanhos diversos no lado externo, e somente uma internamente. Do 4.º ao 18.º os segmentos apresentam 4 apófises que aumentam progressivamente de comprimento até ao 10.º, para diminuírem até desaparecerem no 21.º. O 19.º apresenta apenas 3 apófises, sendo 2 internas e 1 externa; os segmentos 20.º e 21.º apresentam somente apófises internas muito reduzidas. Os segmentos 22.º até 41.º são simples. (Na antena representada os 4 últimos segmentos apresentam anomalias na segmentação).

Torax amarelo (134). Tégula indistinta. Patagia cinzenta (133). Pleuras amareladas (250). Pernas com as coxas e femures amarelados (246) e tibias e tarsos cinzentos (133) e pilosos; unhas pretas, brilhantes. 1.º par com epífise muito desenvolvida e sem espinhos tibiais; 2.º par com um par de espinhos apicais na tibia; 3.º par ligeiramente menor que o segundo e com 2 espinhos tibiais apicais.

Aza anterior sub-triangular, com a margem externa retilinea e de côm geral cinzenta (133). Face superior com as linhas interna e externa virtuais ou ligeiramente mais escuras que o campo mediano da aza. As linhas se tornam nítidas pelo contraste da coloração branca da área interna e cinza claro (180) da externa com a área mediana (133). A linha interna é curva em arco de concavidade interna e a linha externa, sub-retilinea, paralela à margem da aza, é pré-apical. Face inferior como a superior, mas de coloração mais clara e com a linha interna ausente e a externa correspondendo à da face superior. Mancha disco-celular presente e o ápice da célula mais claro (133). Franja cinzenta.

Aza posterior com a margem externa ligeiramente convexa; margem anterior igualmente convexa, sendo esta convexidade mais acentuada no terço proximal. Face superior de coloração cinzenta (133), sendo a metade basal pouco mais escura. Face inferior de coloração uniforme em toda a extensão e de tonalidade mais clara que a face superior.

Nervulação — Aza anterior: R^1 nascendo pouco adiante do ângulo da célula e terminando antes do ápice da aza. R^2 terminando no ápice da aza. R^3 ausente. R^4 e R^5 terminando abaixo do ápice da aza. M^1 quasi no ângulo anterior da célula. M^{2+n} no ângulo posterior. Cub^1 partindo do início do último quarto da célula. Cub^2 partindo do meio da célula. A^1 terminando no ângulo posterior da asa.

Asa posterior: R^1 partindo do meio da célula. R^{2+n} partindo pouco antes do ângulo da célula. M^1 do ângulo anterior e M^{2+n} do ângulo posterior da célula. Cub^1 quasi no ângulo da célula. Cub^2 partindo logo abaixo da Cub^1 . A^1 terminando pouco atrás do ângulo posterior da asa. A^2 terminando no meio da margem interna da asa.

Abdomen dorsalmente de cor amarelada (246) uniforme e ventralmente de coloração camurça (200) pálida, havendo limite nítido entre as duas tonalidades. Os esternitos são ligeiramente escuros apicalmente.

Genitália — 10.º tergito terminando por 2 pontas rombas dirigidas ventralmente e fortemente quitinizadas na extremidade, e uma saliência mamilar dirigida dorsalmente. 9.º tergito largo e convexo. Vinculos (9.º esternito) estreitos e fortes. 10.º esternito fortemente quitinado e enegrecido, em forma de bico de *Cypselus*, quando visto ventralmente. Clasperes pequenos e de contorno ogival; pouco ultrapassam o 10.º tergito. Falosoma com a porção distal dilatada em forma de cálice e com forte apófise lateral, muito quitinizada, claviforme e com um acúleo dirigido para dentro e para baixo. Um outro processo menor, sub-triangular e ventral, é presente. A porção erectil apresenta duas formações quitinosas, em ponta. A base do falosoma apresenta um duplo cotovelo, o mais distal dorsal e o proximal ventral. A extremidade proximal termina em uma forquilha horizontal, de ramos digitiformes. Escleritos do 8.º segmento normais.

Habitat — Salobra, sul do Estado de Mato Grosso, Brasil.

Tipo e paratipos no Instituto Osvaldo Cruz.

Syssphinx molina (CRAMER, 1782); HUEBNER, 1819 (1)

Desta espécie capturamos em Salobra 7 exemplares, sendo 2 femininos. Trata-se de espécie muito comum e de vasta distribuição geográfica.

Adelowalkeria (n. g.) flavosignata (WALKER, 1865) n. comb.

(Est. 3, figs. 1-9; est. 4, figs. 1-4; est. 5, figs. 1-3; est. 7, fig. 2.)

Adelocephala flavosignata WALKER, 1865, p. 575.

Otherene Wardii BOIDUVAL, 1872, p. 84, est. 3, fig. 2. ♂

Otherene Wardii BURMEISTER, 1878, p. 493.

Otherene Wardii BURMEISTER, 1879, Atlas, p. 46, est. 20, fig. 3 larva.

Adelocephala Wardii DRUCE, 1886, p. 171.

Adelocephala Wardii POULTON, 1888, p. 570.

Adelocephala Wardii KIRBY, 1892, p. 741.

Adelocephala flavosignata KIRBY, 1892, p. 742.

Otherene Wardii PETERS, 1901, p. 10, est. 3, figs. 1 e 1.^a (larva).

Adelocephala eugenia DRUCE, 1904, p. 243.

(1) As datas de HUEBNER são dadas de acordo com o trabalho de HEMMING, 1937.

Adelocephala Wardii PACKARD, 1905, p. 86, est. 17, fig. 3 (larva), est. 33, fig. 2 ♂ est. 38, figs. 3 e 3.^a (nervulação).

Adelocephala flavosignata PACKARD, 1905, p. 90.

Adelocephala Wardii BOUVIER, 1923, p. 47.

Adelocephala Wardii BOUVIER, 1927, p. 268.

Adelocephala Philiponi BOUVIER, 1927, p. 268, est. 1, fig. 7 ♀.

Syssphinx flavosignata DRAUDT, 1930, p. 805, est. 136^a, ♂.

Adelocephala flavosignata BOUVIER, 1930, p. 506.

Syssphinx flavosignata BOUVIER, 1931, p. 74, est. 2, figs. 23 e 24 (genitalia).

Syssphinx flavosignata SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 192.

Syssphinx flavosignata Wardii SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 192.

Syssphinx flavosignata Eugenia SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 193.

Syssphinx Philiponi SCHUESSLER, 1936, part. 70, p. 202.

Desta espécie foram capturados 7 exemplares, todos masculinos, sendo um em Bodoquena e os restantes em Salobra.

Concordam inteiramente com exemplares capturados no litoral do País (Rio de Janeiro e Angra dos Reis). É espécie de distribuição geográfica muito vasta, com acentuado dimorfismo sexual, o que motivou serem as fêmeas descritas como espécie diversa por DRUCE e BOUVIER.

Apresenta caracteres morfológicos da genitalia, e também da larva, bastante distintos de *Adelocephala* e *Syssphinx* para justificar a sua separação em gênero independente.

Faremos um estudo detalhado da morfologia deste inseto, e daremos em seguida a diagnose do gênero que para ele propomos.

Dimensões — Asa anterior no macho : 34 por 15 mm. a 43 por 19 mm.; relação entre o comprimento e a largura : 2,26 ; na fêmea : 49 por 25 mm. a 55 por 30 mm.; relação entre o comprimento e a largura : 1,8 a 1,9. Asa posterior no macho : 20 por 16 mm. a 26 por 20 mm.; relação : 1,2 a 1,3-; na fêmea : 31 por 24 mm. a 35 por 30 mm.; relação : 1,1 a 1,2.

Macho — Cabeça muito junta ao torax e pouco saliente. Tromba rudimentar, constituída por dois filamentos divergentes de cerca de 1 mm. de comprimento. Palpos rudimentares, inteiramente escondidos entre os pêlos da região bucal, e constituídos por 3 segmentos sub-iguais. Fronte sub-triangular, muito pilosa, de cor violácea (673 do código de Seguy) e com uma zona transversal mais clara situada entre os olhos. Antenas (est. 7, fig. 2) pardacentas, com cerca de 39 segmentos, além dos basais, hemisféricos. Os primeiros segmentos não apresentam apófises-; o 3.^o é constituído pela fusão de dois segmentos e apresenta internamente 4 apófises e externamente duas outras ; do 4.^o ao 17.^o eles são tetrapectinados, aumentando progressivamente o comprimento das apófises até o 9.^o ou 10.^o, para diminuir paulatinamente até o 17.^o; 18.^o segmento com 3 apófises, 2 externas e 1 interna ; 19.^o somente com uma apófise externa ; os 20 segmentos terminais são simples.

Torax — Tégula de cor violeta (673), com uma fina franja amarela. Metanoto amarelo (228).

Asas anteriores sub-triangulares. Face superior com cor geral violeta (673), as linhas interna e externa assinaladas apenas por contraste de coloração. A linha interna, irregular,

limita a área interna de cor amarela, exceto na costa, que é violeta. Linha externa ligeiramente curva, de concavidade externa; é apical. Área externa amarela (227), com pontilhado violeta, bem como a porção apical, coloração que se prolonga ao longo da margem externa, de modo irregular. Área mediana violeta (673), tendo na parte central muitas escamas amarelas que são mais numerosas adiante da célula, formando uma mancha amarela que se estende até o ápice, sem contornos nítidos, sendo pontilhada de preto. Nos diversos exemplares pode haver variações pela predominância da coloração violeta ou amarela. Ao nível do fim da célula, mas fora desta, existem 3 manchas de cor branca pura, de dimensões variáveis, dispostas em triângulo. O número destas manchas pode ser reduzido a 2 ou 1, ou mesmo faltarem todas. A mais proximal é geralmente a maior e fica situada entre as cubitais; a mais distal fica entre a $Cub.^1$ e a M^{2+n} , é geralmente a de tamanho médio; finalmente a menor e que mais comumente falta fica situada no ângulo da última mediana com a discocelular. Face inferior da asa anterior com linha interna ausente e linha externa violácea (673), muito nítida e larga, correspondendo à da face superior. Área externa como na face superior. Áreas média e interna de coloração uniforme, amarela, com nervuras e costa violetas, e com tons violáceos irregulares. Na parte basal a coloração toma uma tonalidade alaranjada (211).

Nervulação (est. 4, fig. 3) — R^1 nascendo do ângulo da célula; R^{2+3} , R^4 e R^5 pedunculadas. M^{1+n} e M^{2+n} nascendo dos ângulos anterior e posterior da célula. $Cub.^1$ perto da extremidade da célula; $Cub.^2$ no meio da célula. A^1 atingindo exatamente o ângulo externo da asa.

Asa posterior de contorno sub-triangular, com a margem anterior de contorno parabólico, com o ápice da curva no terço proximal. Face superior com linha externa nítida, de concavidade externa e de cor violeta (637). Área interna amarela (228), com a região costal violeta (673) e a região anal amarela alaranjada (211), com tonalidades violetas. A coloração alaranjada da face superior é muito variável, havendo exemplares em que quase toda a superfície é amarela, e outros em que ela é quase inteiramente violeta. Face inferior como a superior.

Nervulação (est. 4, fig. 4) — R^1 e R^{2+n} partindo da célula; M^1 e M^{2+n} partindo dos ângulos anterior e posterior da célula; $Cub.^1$ tendo origem junto ao ângulo posterior; $Cub.^2$ no terço distal da célula; A^1 atingindo o ângulo posterior da asa; A^2 terminando a meio da margem interna.

Patas de cor violeta (673) e com a face interna dos tarsos amarelada, terminando por um par de unhas simples. Primeiro par (est. 5, fig. 1) com grande epífise e sem espinho terminal na tíbia. Segundo e terceiro pares com tíbias armadas de um par de espinhos na extremidade distal. Patas com um par de fortes unhas (est. 4, fig. 1).

Abdomen — Face dorsal com anéis basais violeta (673) e anéis apicais amarelos (228) nos primeiros segmentos e alaranjados (211) nos medianos, apresentando um tufo terminal amarelo. Face ventral violeta (673), com estreitos anéis apicais amarelos, mais largos nas partes laterais. Os desenhos abdominais podem apresentar muitas variantes, pela predominância das cores amarela ou violeta.

Genitália — 10.º tergito de forma característica, fortemente quitinizado e espinhoso; apresenta uma dupla crista dorsal espinhosa, principalmente na porção distal. A separação das cristas é feita por uma depressão que faz saliência ventralmente, dando à porção terminal do 10.º tergito uma disposição muito semelhante a uma concha de turbina. O 9.º tergito apresenta uma saliência mamiforme, pilosa. Clasperes constituídos por uma porção dorsal delgada, que se prolonga em uma lascinia que ultrapassa o uncus, e uma porção ventral

de margem fortemente quitinizada, espinhosa, mais curta que o uncus, apresentando um forte espinho na parte proximal. A porção basal do clasper forma uma saliência digitiforme curvada em gancho e disposta paralelamente ao falosoma. A harpa é muito característica, sendo constituída por uma lâmina quitinosa, que partindo da parte interna inferior do clasper, cruza-o obliquamente, para terminar dorsalmente, ao lado do uncus. Estas lâminas são fortemente quitinizadas, de cor preta e de contorno serrilhado na extremidade distal. O 10.º esternito é membranoso. O funil do falosoma apresenta forma de raqueta truncada no ápice, é moderadamente quitinizado e tem uma abertura cordiforme para passagem do falosoma. Falosoma (est. 3, fig. 9) com um pequeno prolongamento basal baciliforme e furcado distalmente em pontas espinhosas. Porção erectil inerme. O 8.º tergito apresenta duas formações com aspecto de cavidades pilosas, digitiformes, simétricas e recurvadas para a extremidade distal do abdomen. O 8.º esternito apresenta uma funda chanfradura distal. O 8.º segmento abdominal é bem mais desenvolvido que os outros e abriga, dentro de seus escleritos, o conjunto da genitália.

Fêmea — Cabeça como nos machos, porém as antenas são cilíndricas e filiformes. Torax de coloração amarela (228), com tégula e patagias violetas (673) e os lados do metanoto alaranjados (211).

Asas anteriores com face superior de coloração geral violeta nas áreas interna e externa e bruna (131) na área mediana. As linhas são representadas pelo contraste dessas cores, aliás pouco nítidas. Na extremidade proximal da margem posterior existe uma pequena mancha amarela (228). Face inferior uniformemente parda (131), com tons violáceos na porção apical. Linha externa assinalada na porção anterior por coloração mais escura.

Asas posteriores com face superior uniformemente parda (131). Face inferior da cor da superior, mas com tom violáceo e com um esboço anterior da linha externa.

Nervulação das asas igual à dos machos.

Patas de cor violeta e com a face interna amarela. O primeiro par com o penúltimo artículo tarsal com um par de espinhos em lobos laterais (est. 4, fig. 2). Os segundo e terceiro pares com um par de espinhos no ápice da tibia.

Esta espécie tem uma vasta distribuição, vindo desde a parte sul da América Central até Santa Catarina (Brasil).

As lagartas alimentam-se de Leguminosas, principalmente do gênero *Macherium*.

A crisalida é enterrada no solo e possui um longo cremaster de cerca de 6 mm. de comprimento, bifurcado na extremidade distal.

Adelowalkeria n. gen.

Adelocephalidae. Adelocephalinae. Dimorfismo sexual muito acentuado. Machos com asas anteriores sub-triangulares e com R¹ partindo do ângulo da célula; R³ ausente; R²⁺³, R⁴ e R⁵ pedunculadas.

Genitália com o 10.º tergito em forma de concha de turbina, espinhoso; clasperes complexos, com uma porção ventral larga e prolongamentos delgados na parte dorsal. Harpa delgada, fortemente quitinizada, e se alongando paralelamente ao 10.º tergito. Funil do

falosoma pouco quitinizado e sem apófises. 10.º esternito pouco quitinizado. Falosoma bifurcado na extremidade distal; porção protratil sem formações fortemente quitinizadas.

Fêmeas com antenas filiformes e com asas com nervulação idêntica à dos machos.

Lagartas, na face madura final, com apófises longas em todos os segmentos.

Especie tipo — *A. flavosignata* (WALKER, 1865)

Neste gênero deve entrar *A. tristigma* (BOISDUVAL, 1872) n. comb.

Após a descrição de WALKER, foi *A. flavosignata* descrita por BOISDUVAL com o nome de *Otherene Wardii* (1872), e representada por uma bela figura, em cores, do macho. DRUCE, em 1904, descreveu a fêmea com o nome de *eugenia*. Em 1927, BOUVIER cometeu equívoco idêntico descrevendo novamente a fêmea com o nome de *Philiponi*.

BOISDUVAL refere viverem as lagartas em bananeiras, segundo informação de BESKE, o que não é real. Em 1879 BURMEISTER, sem descrever, representa a lagarta. Esta figura foi reproduzida por PACKARD. PETERS, em 1901, representa igualmente a lagarta.

Em 1931, BOUVIER coloca em sinonimia de *flavosignata* as espécies *eugenia* e *Philiponi*. Descreve ainda a genitalia, de modo deficiente, porém bem reconhecível.

Foi BURMEISTER quem primeiro referiu as fêmeas desta espécie obtidas por criação por HENRY BURMEISTER, no Rio de Janeiro.

A. flavosignata se alimenta de Leguminosas. Encontramos uma lagarta em *Macherium brasiliensis*.

***Adelowalkeria pulchra* (BOUVIER, 1923) n. comb.**

(Est. 5, figs. 4-9; est. 6, figs. 1-9; est. 7, figs. 3-4).

Adelocéphala pulchra Bouvier, 1923, p. 63.

Syssphinx pulchra Bouvier, 1931, p. 69, est. 1, figs. 6 e 7 (genitália), est. 4, fig. 9♀.

Espécie interessante e até agora somente conhecida de um exemplar masculino. Capturamos, em Salobra, 15 exemplares, sendo 12 masculinos e 3 femininos. Dela daremos uma nova descrição.

Dimensões — Asa anterior no macho: 25 a 27 mm. por 11 a 12 mm.; relação entre o comprimento e a largura: 2,25 a 2,27; na fêmea: 33 a 35 mm. por 17 a 18 mm.; relação: 1,94 a 1,82. Asa posterior no macho: 17 a 19 mm. por 11 a 12 mm.; relação: 1,58 a 1,54; na fêmea: 24 a 25 mm. por 17 a 19 mm.; relação: 1,31 a 1,41.

Macho — Cabeça de cor amarelada como as asas e pouco destacada do torax. Palpos rudimentares e não aparentes. Antenas com 2 artículos basais redondos; 3.º artículo constituido pela fusão de 3 aneis e apresentando 6 apófises internas e 2 externas. Do 4.º ao 25.º os artículos são tetrapectinados, aumentando as apófises progressivamente até o

13.º e decrescendo deste até o 25.º. O 26.º apresenta um par de apófises. Do 27.º ao 40.º eles são simples. Fronte sub-triangular.

Torax dorsalmente róseo vináceo, tornando-se mais ou menos pardo amarelado em exemplares expostos à ação da luz. Pleuras amarelas.

Asas anteriores sub-triangulares. Face superior com duas linhas nítidas se destacando pela coloração mais clara. A coloração, para dentro da linha interna e para fora da linha externa é róseo vináceo (147) e amarelada (201 a 202) entre as linhas. Nos exemplares expostos à luz a coloração modifica-se rapidamente, tornando-se a asa uniformemente amarelada (201). A linha externa é pré-apical, reta ou ligeiramente concava externamente e com uma curvatura na extremidade anterior, de modo a formar ângulo reto com a costa. Frequentemente estas linhas são constituídas por uma linha mais escura, interna, e outra mais clara, externa. Na discocelular existe uma mancha branca mais ou menos nítida, que pode ser dupla ou ausente. Face inferior rósea vinácea (147) na área externa e rósea amarelada (201) na porção basal. Em alguns exemplares é uniformemente vinácea, sendo a linha externa vestigial. Linha interna ausente.

Asas posteriores com a face superior branco creme, com nervuras e margens anterior e posterior vináceas. Em alguns exemplares o campo branco apresenta um lavado vináceo, nestes existindo vestígio da linha externa. Face inferior com a coloração da superior, porem a margem costal é mais largamente rósea vinácea. Nos exemplares em que a face superior apresenta lavado vináceo a face inferior tem a mesma coloração.

Nervulação — Asa anterior: R^1 terminando antes da extremidade da asa; R^2 na extremidade; R^3 ausente; R^4 e R^5 depois do ápice; M^1 quasi no meio da discocelular; M^{2+n} no ângulo posterior da célula; $Cub.^1$ adiante do meio e $Cub.^2$ no meio da célula; A^1 logo abaixo do ângulo posterior da asa. Asa posterior: R^1 partindo do meio da célula; R^{2+n} quasi no ângulo da célula; M^1 e M^{2+n} partindo dos ângulos da célula; $Cub.^1$ partindo acima e $Cub.^2$ do meio da célula; A^1 terminando no ângulo posterior da asa; A^2 terminando no meio da margem interna da asa.

Pernas róseo vináceo; femures com longos pêlos.

Abdomen dorsalmente amarelado (201) e ventralmente da mesma coloração, mas com um lavado vináceo. Do 4.º ao 6.º segmentos existem manchas pretas apicais laterais, decrescentes para as extremidades do abdomen.

Genitália — 10.º tergito com 2 apófises dorsais em forma de foice e com a superfície convexa lisa e a concava serrilhada, e uma ponta terminal dirigida para baixo e para a frente. Na parte apical do 9.º tergito existe um par de saliências mamilares contíguas e pilosas. Vinculos (9.º esternito) delgados e pouco quitinizados ventralmente. Clasperes fortes, sub-ovais, curtos, terminando antes do 10.º tergito. Na extremidade proximal apresentam uma saliência em forma de corno de rinoceronte, que fica disposta sobre o funil do falosoma, parecendo, a um exame superficial, fazer parte deste órgão. Harpa muito quitinizada e se alongando em forma de haste pela face interna do clasper, cruzando dorsalmente o 10.º tergito e cruzando também a do lado oposto. Termina dilatando-se um pouco e apresentando 4, mais raramente 5, espinhos glabros, sendo um maior que os outros, de extremidade preta e lisa e de base clara e pilosa. Falosoma muito reduzido, com um prolongamento proximal encurvado, uma parte mediana elipsoide e uma terminação hialina, que se termina por uma porção aguda fortemente quitinizada.

Fêmea — Cabeça e torax com a coloração dos machos. Antenas filiformes. Pernas como nos machos e com um par de tuberculos no penultimo artículo do tarso anterior provido de fortes espinhos (est. 5, fig. 9).

Asas mais largas que nos machos, sendo que nas anteriores a linha externa não se curva na porção posterior, terminando obliquamente na costa. A coloração é idêntica e sujeita às mesmas variações, tanto na fase superior como na inferior. Asas posteriores de cor uniformemente rósea vinácea, com as nervuras pouco destacadas; a face inferior tem a mesma coloração da superior.

Nervulação — Asa anterior: R¹ e R² terminando antes do ápice da asa; R³ ausente; R⁴ e R⁵ abaixo do ápice; M¹ tendo origem perto do meio da discocelular; M²⁺ⁿ no ângulo posterior; Cub.¹ perto do ângulo; Cub.² no meio da célula; A¹ terminando quase no ângulo posterior da asa; A² terminando no meio da margem interna.

Abdomen como no macho. Em um exemplar as duas manchas pretas laterais confluem, formando uma grande mancha.

Esta espécie se caracteriza pela facilidade com que se altera a coloração das asas, pela ação da luz solar. Examinamos, além dos exemplares capturados em Mato Grosso, vários outros de Goiás, sem proveniência bem exata. O exemplar tipo é indicado como proveniente do Estado de São Paulo, o que parece ter sido um equívoco.

***Adelocephala* (?) *subangulata* H. SCHAEFFER, 1855 (2)**

Desta espécie capturamos 28 exemplares masculinos, cuja conformação da genitalia corresponde exatamente a dos exemplares obtidos no litoral do País. Os exemplares de Salobra são ligeiramente menores. Em Julho de 1939 coletamos somente um exemplar.

***Adelocephala* (?) *sabulosa* ROTHSCHILD, 1907**

Desta espécie capturamos 44 exemplares, sendo 43 masculinos e 1 feminino. Este último foi retirado do estômago de uma ave (*Trogonurus variegatus*). Somente um exemplar foi colecionado em Julho de 1939. Não obstante a uniformidade dos desenhos, apresenta esta espécie enorme variação na tonalidade do colorido, que vai do vermelho escuro (81) ao amarelo (174), com todos os intermediários. As linhas da asa anterior podem ser mais ou menos salientes e as da asa posterior podem faltar ou, ao contrário, serem nítidas. Pode existir na asa anterior um pontilhado escuro, mais ou menos confluyente, ou ao contrário faltar inteiramente. A face inferior das asas anteriores apresenta na discocelular uma mancha escura redonda ou alongada e mais ou menos desenvolvida.

***Adelocephala* (?) *walkeri* (GROTE, 1867)**

Desta bonita espécie capturamos 16 exemplares masculinos, sendo 15 em Salobra e 1 em Bodoquena. Seu estudo é bastante complicado, visto

(2) Vide Contribuição ao conhecimento das *Adelocephalidae* in Rev. Ent. n. 11, fls. 3, pgs. 682-90. — 1940.

terem sido descritos com o nome de *Adelocephala apollinairei* por DOGNIN, em 1919, exemplares capturados nos arredores de Bogotá (Venezuela).

BOUVIER, em 1927, estudou vários exemplares desta espécie, de ambos os sexos, sendo todos os machos provenientes da Venezuela. Em 1931 o mesmo autor estuda a genitalia, ao que parece, nos mesmos exemplares, isto é, provenientes da Venezuela. O exame da genitalia dos nossos exemplares revela identidade com a descrição de BOUVIER, donde é lógico concluir que *apollinairei* é sinonimo de *walkeri*. BOUVIER chama a atenção para a variação da cor da fema, que pode ir do amarelo ao roseo carmesim.

***Adelocephala* (?) *crispula* DOGNIN, 1905**

Desta espécie, extremamente variavel, capturamos 5 exemplares masculinos, sendo 1 em Julho de 1939.

***Adelocephala* (?) *hypoxantha* ROTHSCHILD, 1907**

Capturamos 12 exemplares masculinos.

***Adelocephala* (?) sp.**

Capturamos 1 exemplar de uma espécie do grupo de *subangulata*, com a qual nos ocuparemos mais tarde.

***Schausiella* BOUVIER, 1930**

Deste gênero encontramos duas espécies. Trata-se de um grupo de que dispomos de bom material e encerra, em sua bibliografia, algumas confusões. Com ele nos ocuparemos brevemente.

***Schausiella* sp.**

Capturamos 1 exemplar masculino em Salobra.

***Schausiella* sp.**

Capturamos 41 exemplares masculinos em Salobra.

***Neocarnegia basirei* (SCHAUS, 1892) DRAUDT, 1930**

Capturamos 3 machos e 1 fema em Salobra.

***Citheronia laocoon* (CRAMER, 1779) GROTE & ROBINSON, 1867**

Capturamos 6 exemplares masculinos em Salobra.

***Citheronia armata* ROTHSCHILD, 1907**

Capturamos 13 exemplares masculinos e 2 femininos em Salobra.

***Citheronia vogleri* (WEYNBERG, 1881) SCHAUS, 1892**

Capturamos 1 exemplar masculino em Salobra.

Eacles magnifica WALKER, 1855

Desta espécie foram capturados 9 exemplares masculinos, sendo 8 em Salobra e 1 em Campo Grande.

Dysdaemonia fosteri ROTHSCHILD, 1906

Desta espécie capturamos 6 exemplares em Bodoquena, sendo 3 de tonalidade verde e 3 de tonalidade parda.

Dysdaemonia orsinome (HUEBNER, 1824) BOUVIER, 1925

Desta rara espécie foi capturado apenas 1 exemplar masculino.

Copiopteryx virgo ZIKAN, 1929

Desta rara espécie capturamos o primeiro exemplar feminino que se conhece, e cuja fotografia damos adiante (est. 8, fig. 1).

Arsenura d'orbigniana BOUVIER, 1924

Desta espécie capturamos 12 exemplares masculinos em Salobra.

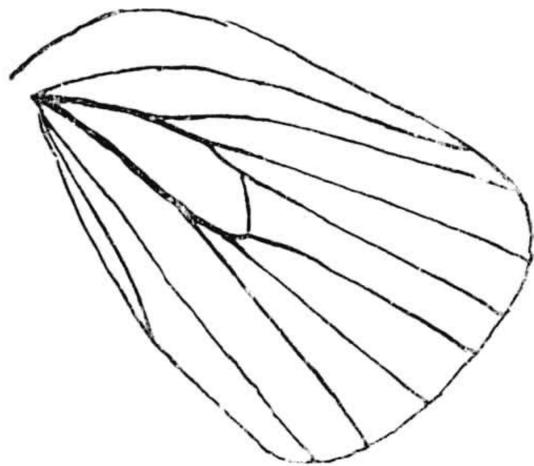
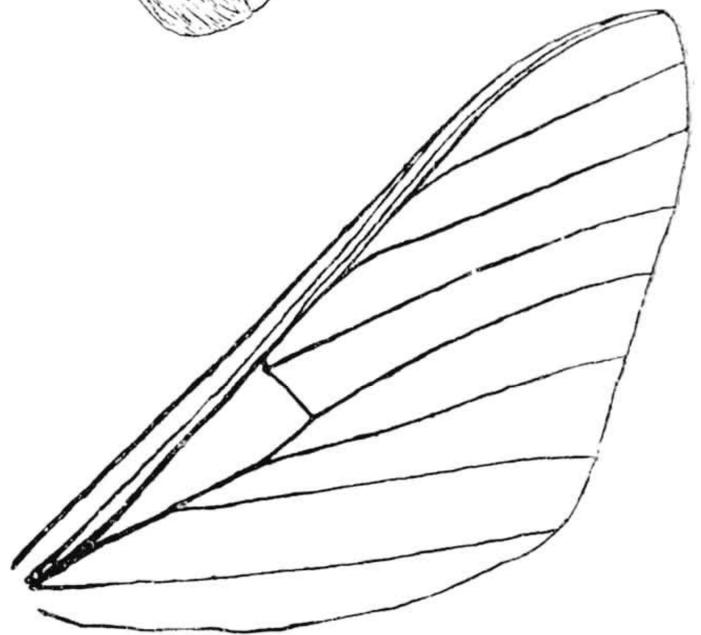
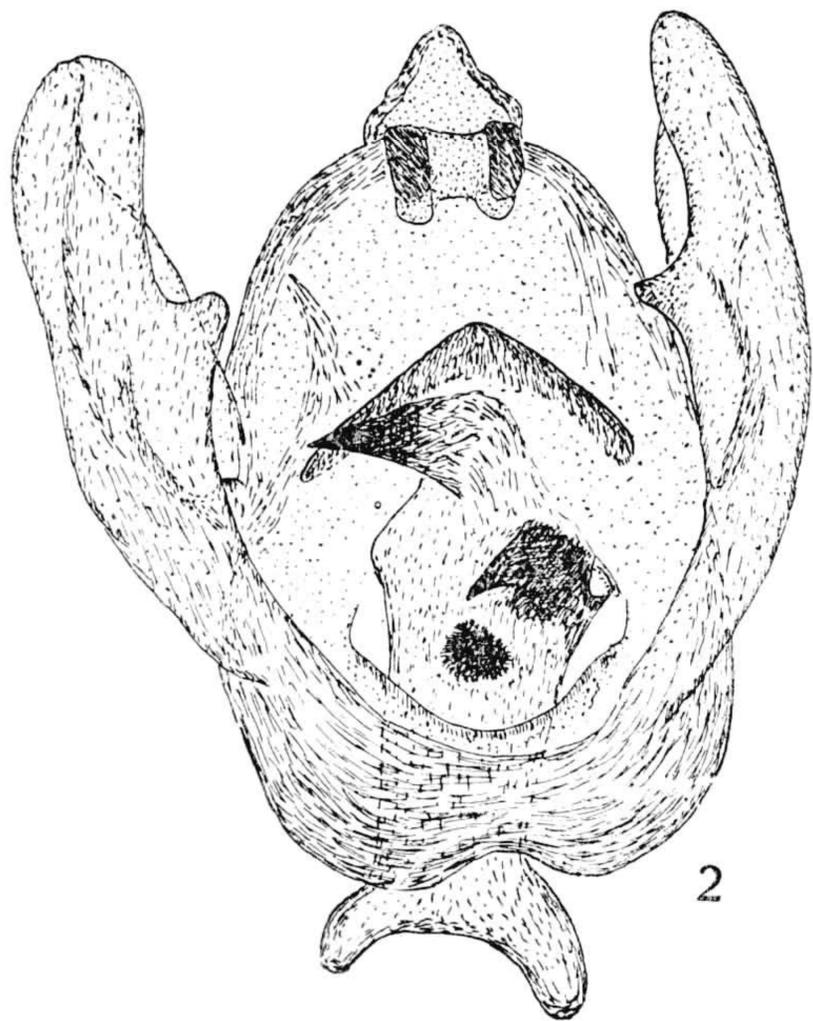
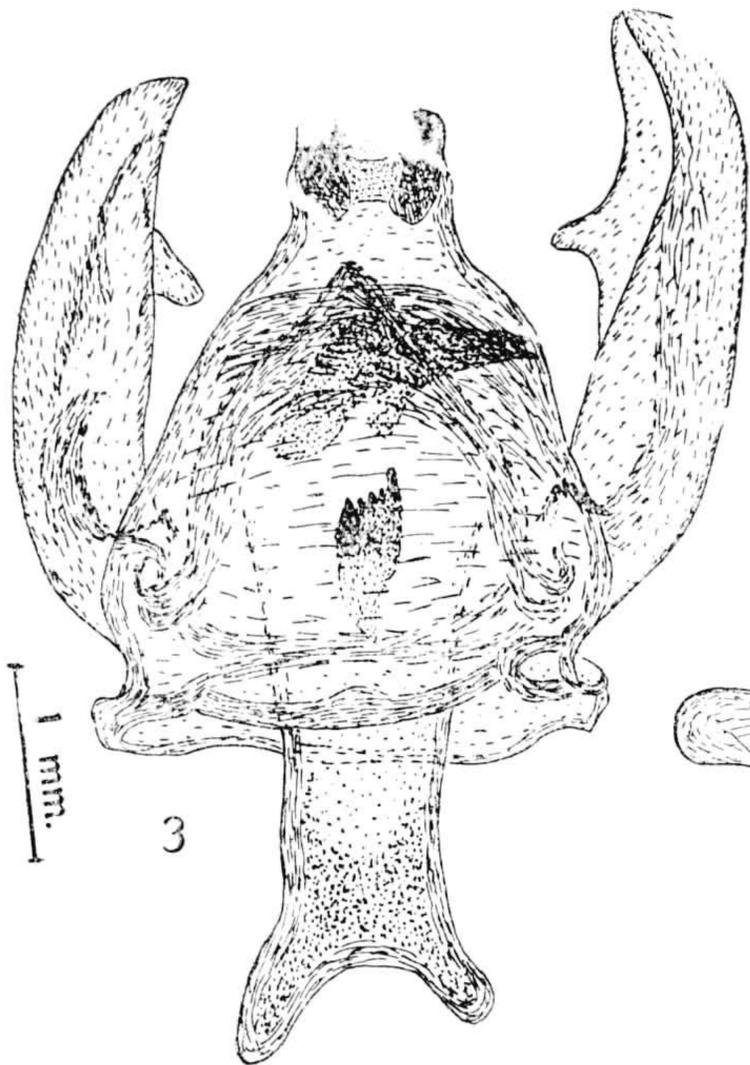
BIBLIOGRAFIA

- BOISDUVAL — 1872 — Note sur la tribu des Adelocephalides. Ann. Soc. Ent. Belg., 15 : 79-96.
- BOUVIER — 1923 — Observations sur quelques Saturniens recuillis au Venezuela. Bull. Mus. Hist. Nat., s. 7, 13 : 241-250.
- BOUVIER — 1924 — Contribution a l'étude des saturniens. Ann. Sc. Nat. Zoolog. Ser. X, T. VII, n.º 3-4, ps. 137-168.
- BOUVIER — 1927 — Étude sur les Ceratocampides de la collection Charles Oberthure. Ann. Sc. Nat. Zoolg., 10 : 223-288.
- BOUVIER — 1930 — Un nouveau type de Saturnoide Ceratocampien. C. R. Acad. Sc., 191 : 505-508.
- BOUVIER — 1931 — Étude des Saturnoides normaux. Famille des Syssphingidés. Mém. Acad. Sc., 60 : 280 pp.
- BURMEISTER — 1878 — Description physique de la Rep. Argentine. Lepidoptères. 5 : 256 e Atlas, 1879.
- CRAMER — 1779 — Papillons exotiques, 4.
- DOGNIN — 1905 — Papillons nouveaux de l'Amérique du Sud. Le Nat., 27 : 215.
- DRAUDT — 1930 — Gross. Smetterling. in Zeits, 6.
- DRUCE — 1886 — Biol. Centr. Amer., 1.
- DRUCE — 1904 — Descriptions of some new species of Lepidoptera heterocera from South América. Ann. & Mag. Nat. Hist., s. 7, 13 : 241-250.
- HUEBNER — 1824 — Werzeichnis bekanten Schmeterling.
- KIRBY — 1892 — A synonymic catalogue of Lepidoptera Heterocera, 1.
- OITICICA Filho, J. — 1940 — Estudos sobre pernas de *Adelocephalidae* — Papéis avulsos do Dep. Zool. da Sec. de Agr. do Est. de São Paulo, v. 1, pp. 17-38.

- PACKARD — 1905 — Family Ceratocampidae, subfamily Ceratocampinae Nat. Acad. of Sc. v. 9, 147 ps. e 61 est.
- PETERS — 1901 — Die Heteroceren-Raupen.
- POULTON — 1888 — Notes in 1887 upon Lepidopterous larve. Trans. Ent. Soc. London : 515-606.
- ROTHSCHILD — 1906 — Two new *Saturniidae*. Nov. Zool., 13 : 189-190.
- ROTHSCHILD — 1907 — New American *Saturnidae* and *Ceratocampidae*. Nov. Zool., 14: 413-432.
- SCHAUS — 1892 — Descriptions of new species of Lepidoptera Heterocera from Brazil and Peru. Zool. Soc. Lond.: 272-291.
- SCHAEFFER, H. — 1855 — Heterocera (1853-58).
- SCHUESSLER — 1936 — Lepidopterorum Cat., part. 70.
- WALKER — 1865 — Cat. Lep. Mus. Britan.
- WEYNBERG — 1881 — Nova species generis *Ceratocampa*. Papilio, 2 : 62.
- ZIKAN — 1929 — *Copiopteryx virgo*. n. sp. — Rev. Ent. Argent. n. 11, ps. 335-336, est. 8.

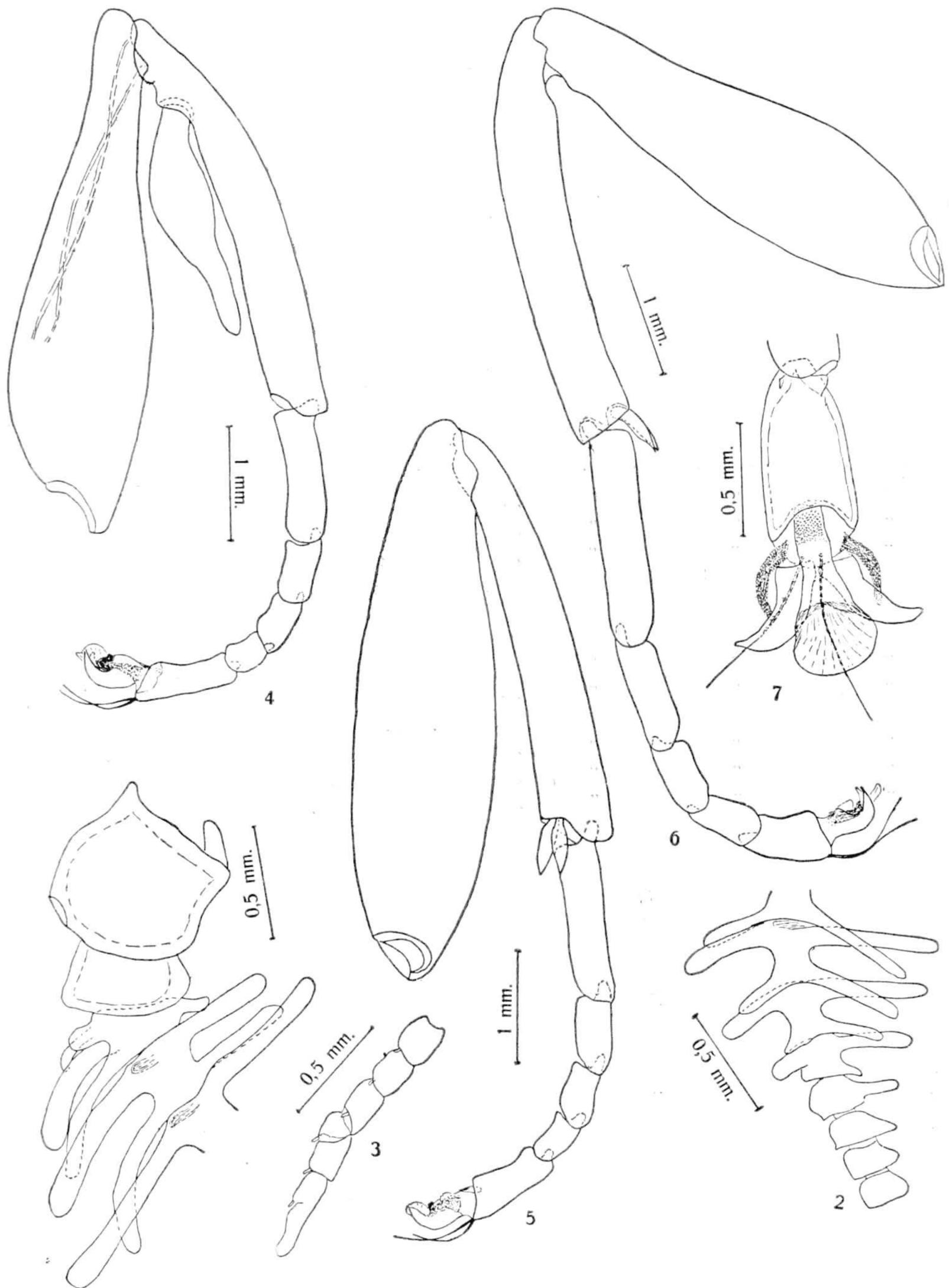
ESTAMPA 1

- Fig. 1 — *Adeloccephala amena* n. sp. — Genitália, de perfil.
- " 2 " " " — Genitália, vista dorsal.
- " 3 " " " — Genitália, vista ventral.
- " 4 " " " — Nervulação do macho.



ESTAMPA 2

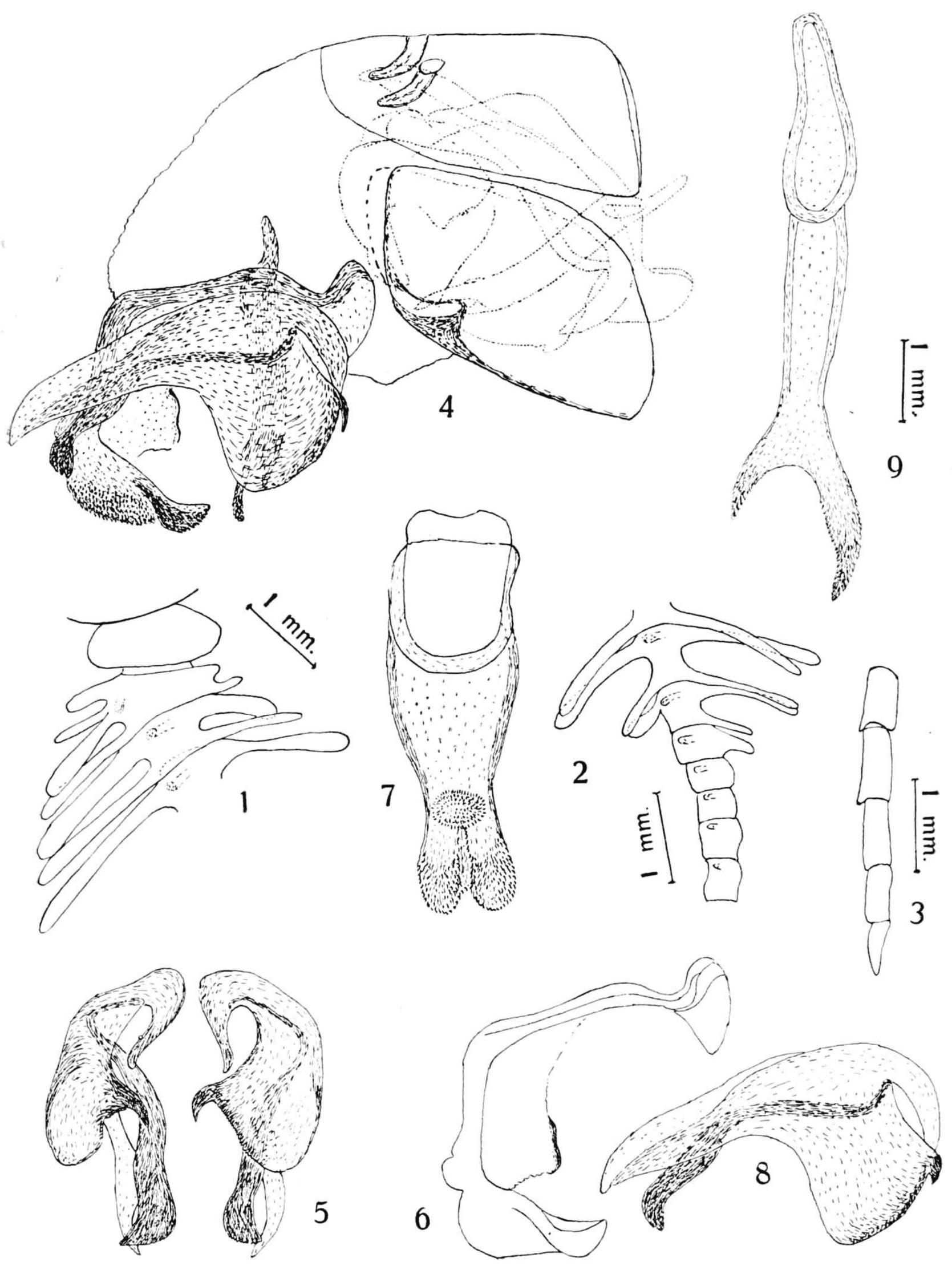
- Fig. 1 — *Adelocephala amena* n. sp. — Base da antena.
" 2 " " " " — Porção mediana da antena do macho.
" 3 " " " " — Parte terminal da antena do macho.
" 4 " " " " — Perna anterior do macho.
" 5 " " " " — Perna mediana do macho.
" 6 " " " " — Perna posterior do macho.
" 7 " " " " — Terminação da perna anterior.



Travassos : Adelocéfalídeos

ESTAMPA 3

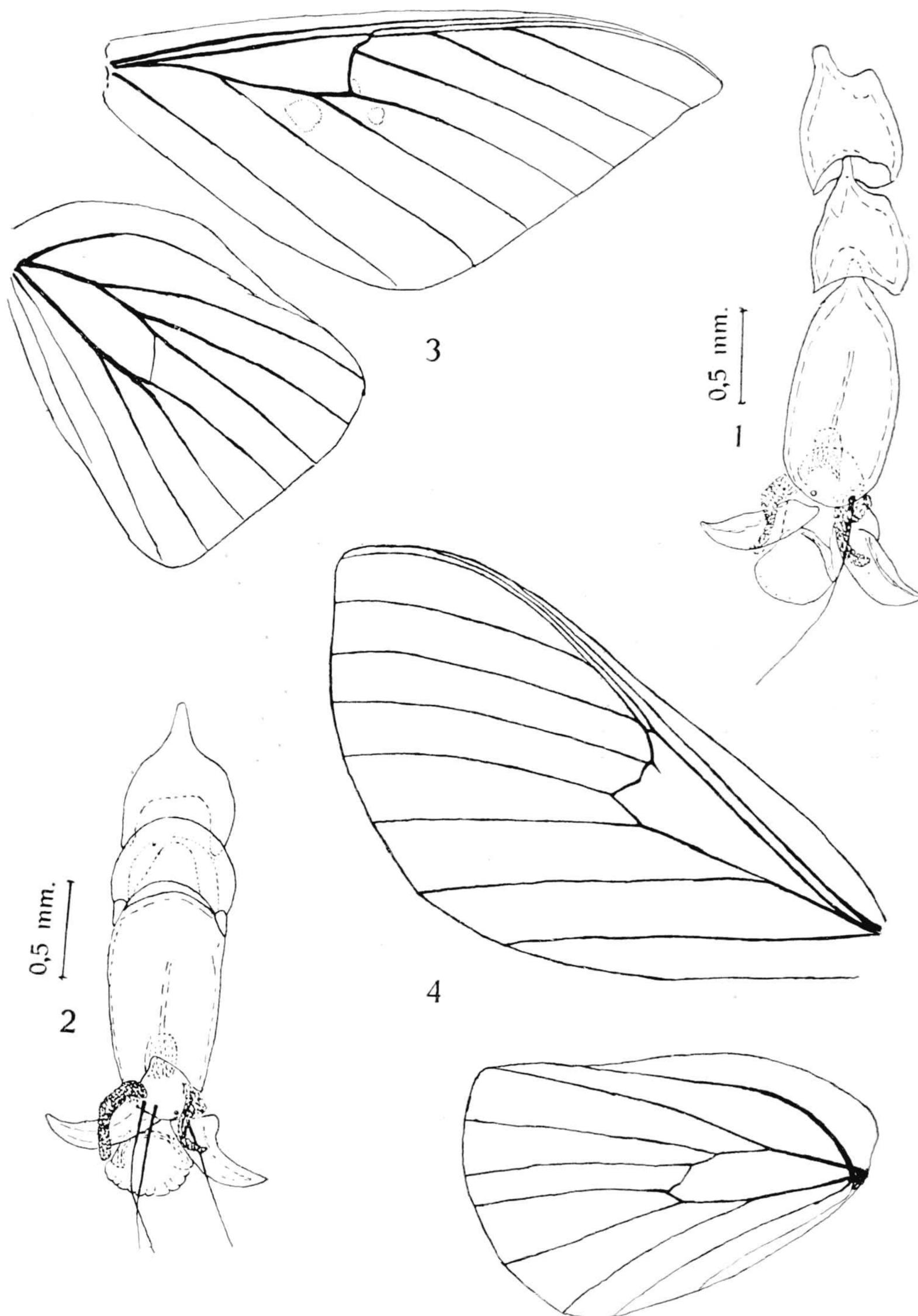
- Fig. 1 — *Adelowalkeria flavosignata* — Parte basal da antena do macho.
" 2 " " — Parte mediana da antena do macho.
" 3 " " — Parte terminal da antena do macho.
" 4 " " — Genitália, de perfil, extrovertida, e 8.º segmento abdominal. Está assinalada, em linhas pontilhadas, a posição normal da genitália telescópica no 8.º segmento.
" 5 " " — Clasperes, vistos ventralmente.
" 6 " " — 9.º e 10.º segmentos, de perfil (Comparar com a fig. 4).
" 7 " " — 9.º e 10.º tergitos, vistos dorsalmente.
" 8 " " — Clasper isolado.
" 9 " " — Falosoma isolado.



Trévassos : Adelocefalídeos

ESTAMPA 4

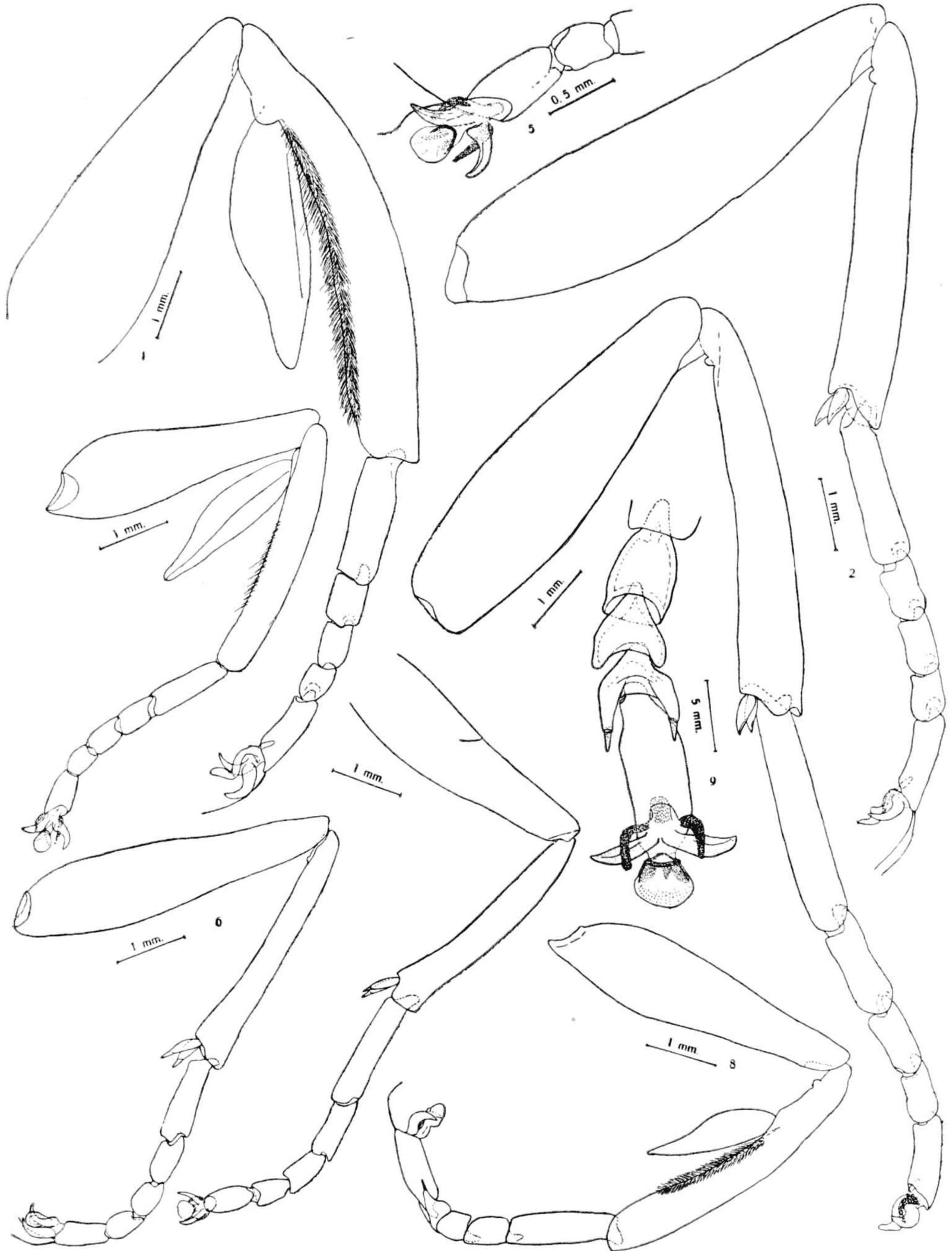
- Fig. 1 — *Adelowalkeria flavosignata* — Terminação da perna anterior do macho.
" 2 " " — Terminação da perna anterior da fêmea.
" 3 " " — Nervulação do macho.
" 4 " " — Nervulação da fêmea.



Travassos : Adelocefalideos

ESTAMPA 5

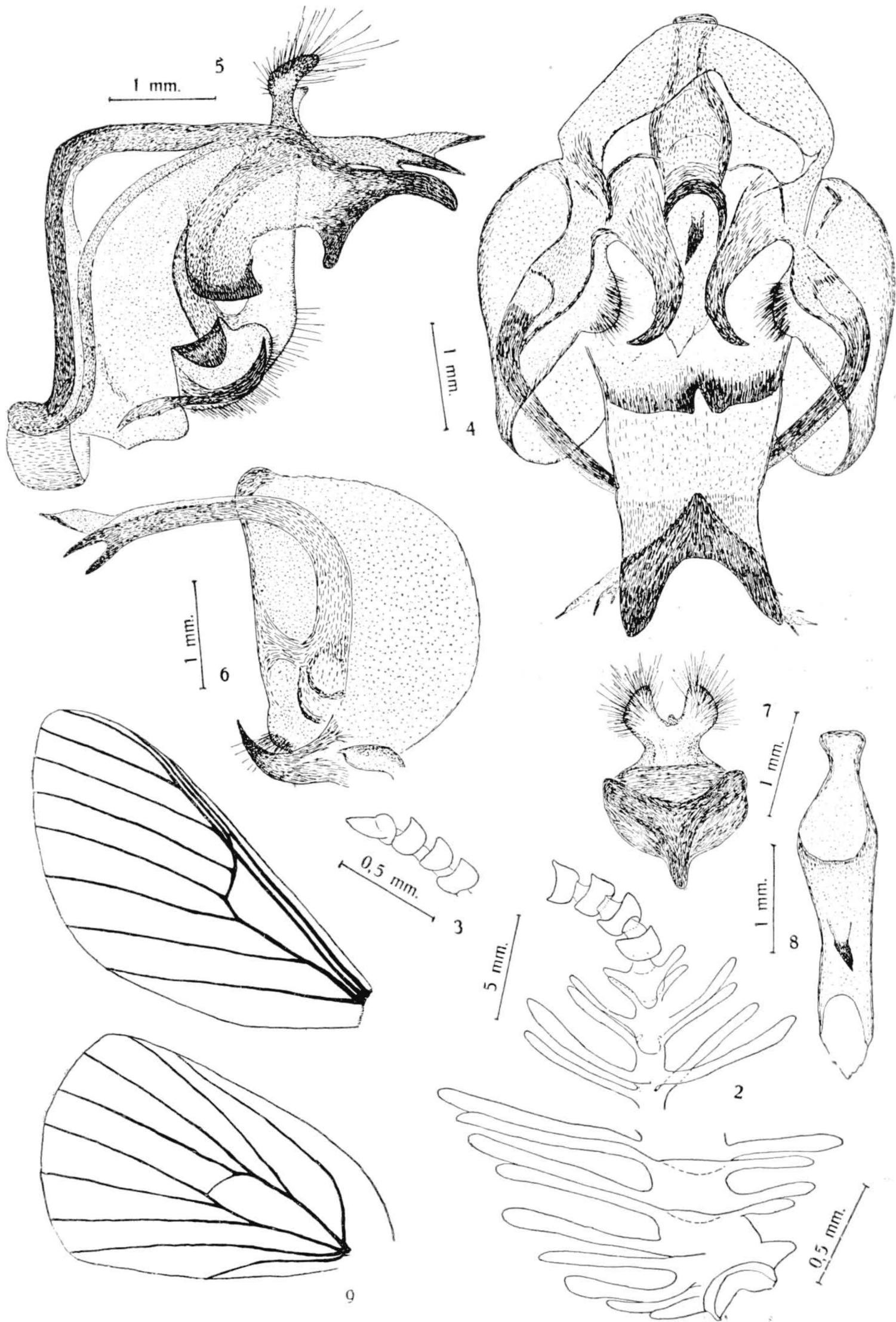
- Fig. 1 — *Adelowalkeria flavosignata* — Perna anterior do macho.
" 2 " " — Perna média do macho.
" 3 " " — Perna posterior do macho.
" 4 — *Adelowalkeria pulchra* — Perna anterior do macho.
" 5 " " — Terminação da perna anterior do macho.
" 6 " " — Perna média do macho.
" 7 " " — Perna posterior do macho.
" 8 " " — Perna anterior da fêmea.
" 9 " " — Terminação da perna anterior da fêmea.



Travassos : Adelocefalideos

ESTAMPA 6

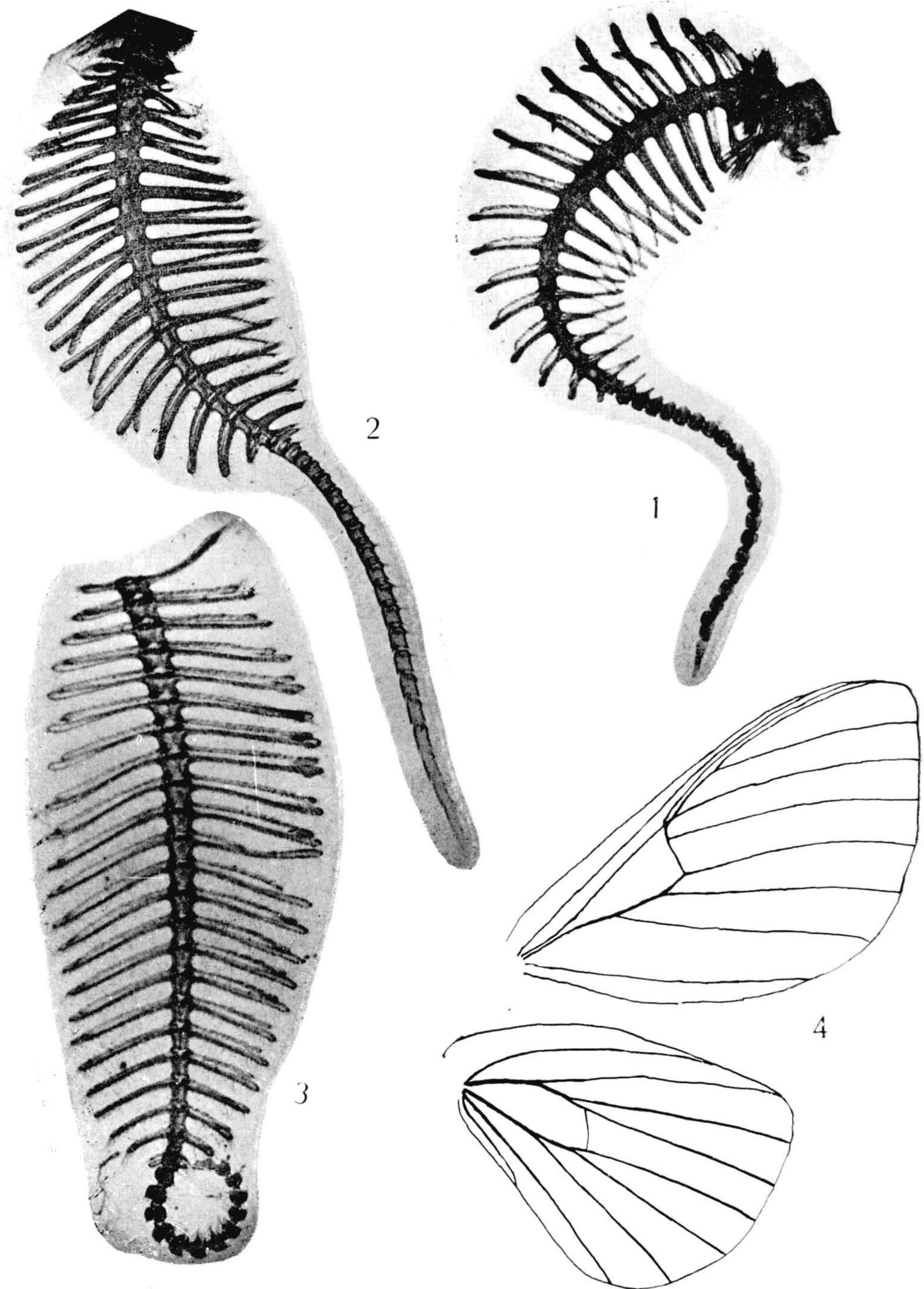
- Fig. 1 — *Adelowalkeria pulchra* — Parte basal da antena do macho.
" 2 " " — Parte média da antena do macho.
" 3 " " — Parte terminal da antena do macho.
" 4 " " — Genitália, vista ventral.
" 5 " " — Genitália, vista lateralmente, tendo sido retirado
um clasper.
" 6 " " — Clasper isolado.
" 7 " " — 10.º e 9.º tergitos, vistos de trás para diante.
" 8 " " — Falosoma.
" 9 " " — Nervulação do macho.



Travassos : Adelocephalideos

ESTAMPA 7

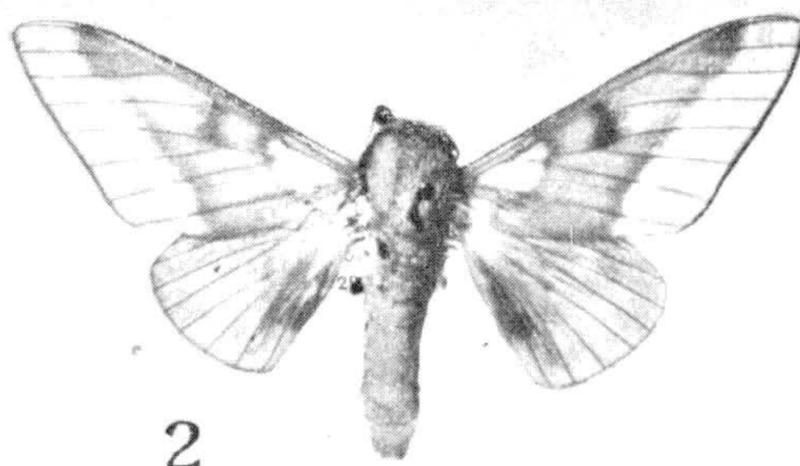
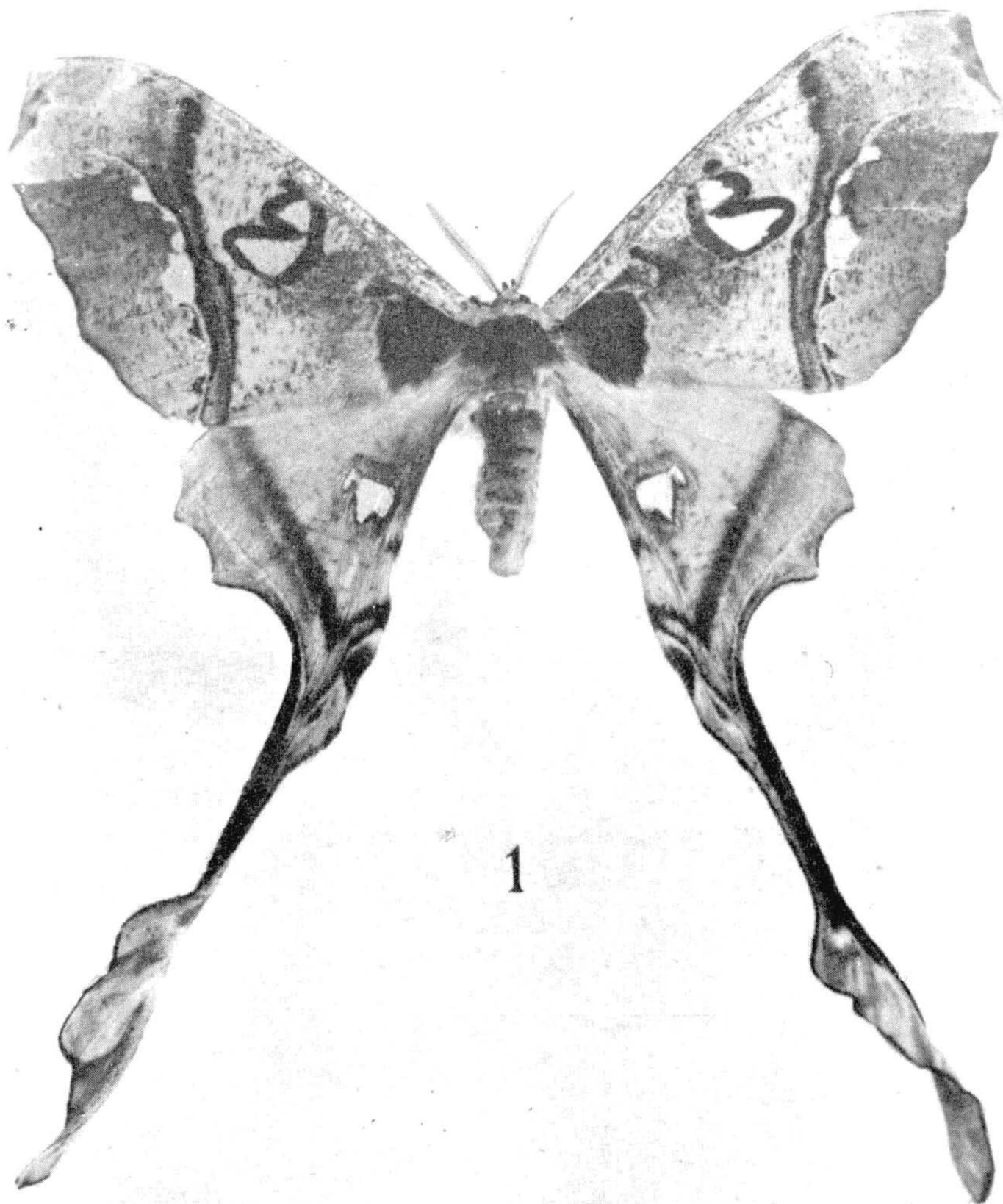
- Fig. 1 — *Adelocephala amena* n. sp. — Antena.
" 2 — *Adelowalkeria flavosignata* — Antena.
" 3 — *Adelowalkeria pulchra* — Antena.
" 4 — *Adelowalkeria pulchra* — Nervulação da fêmea.



Travassos : Adelocephalideos

ESTAMPA 8

- Fig. 1 — *Copiopteryx virgo* — Fêmea.
" 2 — *Adelocephala amena* n. sp. — Macho.



Travassos : Adeloccephalideos